

Conversando sobre dança e educação no Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22

Fernanda de Souza Almeida¹
Jéssica Tavares de Faria²
Leticia Fonseca³
Rosirene Campêlo dos Santos⁴

RESUMO

Este texto é fruto de discussões que aconteceram no grupo de estudos, tendo como premissa os textos produzidos no próprio grupo (SILVA, 2011; SILVA e LIMA, 2013; LIMA e SILVA, 2014; SILVA e LIMA 2014), assim sendo, objetiva apresentar as iniciativas do Coletivo 22 no âmbito da educação, revelando as escolhas metodológicas que balizam suas práticas artístico-educativas no contexto escolar. Nesse estudo, identificou-se um posicionamento político que 1) valoriza o corpo presente no ambiente escolar em relação a cultura, arte e comunidade; 2) investe na sensibilização corporal, na educação estética, na improvisação e no jogo para fomentar as descobertas das singularidades e potencialidades de cada ser; e 3) na autonomia. Destacamos a pouca produção de pesquisas científicas que revelam a prática, o cotidiano e possibilidades de metodologias de ensino em dança, especialmente na escola. Apontamos assim, a necessidade de suprir essa lacuna.

Palavras Chave: *dança na escola, princípios metodológicos, cultura, grupo de pesquisa.*

ABSTRACT

This text intends to present the Collective initiatives 22 in education, revealing the methodological choices that guide their artistic and educational practices in the school context. To this end, he felt the need to resume, discuss and reflect on the scientific articles previously published regarding this issue (SILVA, 2011; SILVA and LIMA, 2013; Lima and Silva, 2014; SILVA and LIMA 2014) and then, project the need to build knowledge of the group. In this study, we identified a political positioning that 1) values the body present in the

¹Fernanda de Souza Almeida: fefalmeida@gmail.com Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp. Docente do curso de licenciatura em Dança da UFG. Membro-pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 e do Grupo de pesquisa Dança: Estética e Educação. Coordenadora do projeto de extensão Dançarelando e integrante do projeto Corpopular na escola.

²Jéssica Tavares de Faria: tavaresdefaria.jessica@gmail.com Graduanda no curso de licenciatura em Dança da UFG. Estudante do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 (Cnpq). Integrante dos projetos de extensão Corpopular na escola e Dançarelando (DEI/CEPAE/UFG).

³Leticia Fonseca de Abreu: leticia.lefonseca@hotmail.com Graduanda no curso de licenciatura em Dança da UFG. Estudante do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 (Cnpq). Integrante dos projetos de extensão Corpopular na escola e Dançarelando (DEI/CEPAE/UFG).

⁴Rosirene Campêlo dos Santos: rosi.dance14@gmail.com Mestre em Educação Física pela UNB. Especialista em Pedagogias da Dança pelo CEAFI/PUC. Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFFEGO-UEG. Membro-pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22.

school environment in relation to culture, art and community; 2) invests in body awareness, aesthetics education, improvisation and play to promote the findings of singularities and potentialities of each being; and 3) autonomy. We highlight the scarcity of scientific research that reveal the practical, everyday and possibilities of teaching methodologies in dance, especially at school. We point thus the need to fill this gap.

Keywords: *dance school, methodological principles, culture, research group.*

OS BASTIDORES

O Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 é um grupo de pesquisa cadastrado no Cnpq e vinculado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG). Configura-se pelo encontro de artistas-pesquisadores-educadores graduandos, especialistas, mestres, doutores e pós-doutores que estudam, por meio da dança em profunda interação com a música e o teatro, as relações entre manifestações culturais populares brasileira, arte contemporânea, performance, processo de criação e educação. Suas ações são compostas por trabalhos artísticos e educativos que discutem o corpo, cultura e arte para a construção de dramaturgias do corpo.

Uma das linhas de pesquisa do Coletivo 22 nomeada *Dança e Educação*, investiga alternativas metodológicas, outros modelos de educação e desdobramentos pedagógicos no ensino da dança, tanto no âmbito formal como não-formal, tornando-se um espaço importante de formação e troca dentro desta temática e da proposta do curso de Licenciatura em Dança da UFG. Uma ação dessa linha abrange a realização de projetos de extensão que alinham o ensino e a pesquisa, oferecendo aos graduandos a oportunidade de exercer o magistério acompanhado de docentes e pesquisadores mais experientes. Tal proposta almeja contribuir com a formação profissional e científica dos discentes do curso, uma vez que os coloca em contato com as demandas concretas do mundo do trabalho.

Nesse sentido, dois projetos se destacam: *Corpopular: a escola entre giros, palmas e sorrisos* realizado em 2014 e *Corpopular na escola*, desenvolvidas em 2015 a julho de 2016. Desta forma, este escrito pretende apresentar as iniciativas do Coletivo 22 no âmbito da educação, revelando as escolhas metodológicas que balizam suas práticas artístico-educativas no contexto escolar. Para tal, sentiu-se a necessidade de retomar, debater e refletir sobre os artigos científicos anteriormente publicados no que tange essa temática (SILVA, 2011; SILVA e LIMA, 2013; LIMA e SILVA, 2014; SILVA e LIMA 2014) para então, alçar novos

voos e projetar a necessidade de construção de conhecimento do grupo.

A PRODUÇÃO

O programa de extensão *Corpopular: Intersecções Culturais* foi estruturado em 2012 pelo Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 e financiado pelo Edital Proext, 2011-MEC/SESU. Em andamento, o programa propõe o intercâmbio significativo com as tradições e saberes populares, buscando diálogo aberto entre professores, estudantes, mestres de capoeira, dançarinos, atores, capoeiristas e educadores populares.

Uma das iniciativas deste programa de extensão no âmbito da educação foi o projeto *Corpopular: a escola entre giros, palmas e sorrisos*, que se propôs investigar as possíveis relações históricas, antropológicas e estéticas da capoeira em diálogo com o *hip hop* numa perspectiva pedagógica (LIMA e SILVA, 2014).

Nesse projeto extensionista atuaram dois graduandos em Licenciatura em Dança da UFG, em formação como pesquisadores e futuros professores da educação básica. Tais estudantes vivenciaram com o Coletivo 22, momentos de leituras, discussões e laboratórios a partir de uma articulação ampla e não hierarquizada entre arte, ciência e cultura popular, que nutriram suas experiências práticas e os prepararam para a ação na escola com as crianças. Nesse sentido, foi estimulada neles uma postura de artista-educador dentro da perspectiva de *processos de indagação* (HERNANDEZ, 2011 apud LIMA e SILVA, 2014, p. 10), no qual

o professor propõe a si mesmo e aos estudantes, um estado de indagação, de questionamentos, o qual emerge potencialmente práticas geradas por esta postura; práticas estas que perpassam desde os elementos que provocaram desdobramentos pedagógicos quanto para o processo de investigação e criação corporal. O autor ainda pontua que o artista educador que parte desta postura pode desenvolver uma prática pedagógica, que estimule o estudante a aprender a partir de si mesmo, dos outros e do mundo, tecendo relações críticas, no sentido de questionar as relações hegemônicas estabelecidas, institucionalizadas no sentido de subversão das práticas oriundas dessas relações, criando e transgredindo a partir de um corpo que tece cultura a todo o momento.

Este conceito foi (e é) relevante para a formação de tais graduandos, uma vez que a proposta de intervenção pedagógica do projeto pautava-se no desafio da hibridação entre *hip hop* e capoeira, manifestações culturais aparentemente distintas. Para tal, os participantes

deveriam investigar em seus corpos e nas teorias, questionando as possibilidades de aproximações entre elas e suas reverberações na ação pedagógica. É importante frisar que esse encontro cultural foi mote de investigação da dissertação de mestrado de Silva (2004 e 2011), alicerçando as intervenções do projeto. Além disso, procurou-se incentivar uma atitude presente e corporalmente disponível do educador que pesquisava, indagava, descobria e inventava junto com as crianças, almejando ultrapassar o lugar confortável da reprodução de movimentos codificados, estimulando uma experiência sensível com e por meio da dança.

A escolha pela capoeira e o *hip hop* justifica-se pois são expressões culturais urbanas vivas que permeiam o corpo de dentro para fora e de fora para dentro, oferecendo uma grande diversidade de elementos para a elaboração de uma proposta educativa que se propõe atuar na perspectiva da diversidade cultural, incentivando a multiplicidade e a identidade. Segundo Silva e Lima (2014) trazer como proposta educativa essas manifestações é uma forma interessante de trabalhar com o próprio contexto dos estudantes, apoiando-se na comunidade como um potencial de resistência e organização contra um sistema hegemônico e engessado que muitas vezes aprisiona o contexto educacional formal.

Nesse contexto, destacamos a necessidade urgente da escola, mais especificamente das propostas curriculares, dialogarem de forma mais dinâmica e interessada com a comunidade, compreendendo-a como um *lócus* de saberes onde residem processos formativos intensos que precedem o ambiente escolar. Ademais, tal diálogo pode atender às demandas mais emergentes de leis e diretrizes, que clamam pelo respeito a diversidade e a equidade de direitos.

Essa articulação entre história, sociedade e política que um trabalho crítico em dança realizado por meio das manifestações populares brasileiras pode promover, incentiva uma educação transformadora, em detrimento de um ensino pautado na repetição, transmissão de códigos, privilegiando o conhecimento analítico, linear, instrumental, sem sentido e alheio às necessidades de um mundo real.

Movido por essas preocupações, o projeto *Corpopular: a escola entre giros, palmas e sorrisos* teve então, como objetivos: (re)conhecer e (re)significar o espaço da escola, como um território fértil para a expressão da dança a partir da capoeira e do *hip hop* como manifestações populares; e aprofundar as reflexões acerca da prática docente, bem como, sua

articulação com o contexto educacional, político e social. Com isso, três eixos instigaram as ações: 1) o corpo como foco do processo educacional; 2) o ensino da dança a partir das manifestações populares brasileiras de matriz africana e; 3) a relação escola-comunidade.

Para tal, encontramos no conceito de *dança brasileira contemporânea* - um diálogo híbrido entre a pluralidade de expressões culturais brasileiras e a arte contemporânea, fundindo as manifestações populares a parâmetros estéticos fornecidos pela dança contemporânea (SILVA, 2004) - um caminho para pensar as possibilidades de ensino-aprendizagem da dança e seus desdobramentos no processo artístico, a partir de elementos da cultura popular urbana, para a construção de um corpo poeticamente crítico no contexto escolar.

É importante ressaltar que esse processo foi desenvolvido a partir da valorização do que os jovens traziam como herança cultural e artística, seu contexto, suas preferências de músicas, movimentos que conheciam, o potencial crítico e criativo, o saber da comunidade, a espontaneidade, a improvisação e o jogo como os pressupostos de ação.

A CENA

O projeto extensionista *Corpoper: a escola entre giros, palmas e sorrisos* ocorreu no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE-UFG) no contraturno, para crianças entre 8 a 10 anos de idade, matriculadas na 1ª fase do Ensino Fundamental. Os encontros aconteceram às segundas feiras, com vivências de uma hora de duração.

Além das ações com as crianças nos projetos na escola, o Programa Corpoper - Intersecções Culturais, realizou no evento “Ginga menina”, uma oficina de capoeira exclusiva para os docentes da rede pública e acadêmicos. Tal intervenção motivou-se pela crença do Coletivo 22 na necessidade da formação de professores/pesquisadores corporalmente disponíveis que descubrem e inventam, uma vez que segundo Paulo Freire afirma que quando “se instala no corpo, se pronuncia no mundo” (LIMA e SILVA, 2014, p.8). E no nosso cotidiano profissional percebemos a dificuldade de alguns docentes em experimentar o movimento e as práticas corporais; muitos preferem manter-se observando e anotando as sequências didáticas para serem posteriormente aplicadas com seus estudantes. Um apontamento que nos instiga à uma futura reflexão.

Sob tal aspecto, nossas práticas tanto com as crianças como com os docentes, revelam a busca por uma possibilidade de educação que compreenda o corpo presente no ambiente escolar em relação a cultura, arte e comunidade, investindo na sensibilização corporal, nas descobertas das singularidades e potencialidades de cada ser e na autonomia. Com isso, ao desvelar nossas escolhas estamos nos posicionando politicamente em relação a construção de conhecimento e a nossa leitura de dança/mundo. E não é qualquer proposta metodológica que propõe a confecção de redes de relações abertas que tenham como pressuposto uma criticidade (MARQUES, 2010, apud SILVA e LIMA, 2014). Ao fazer tais escolhas, deixamos claro a qual sociedade estamos servindo, a concepção de educação e sujeito que pretendemos formar. Neste contexto, destacamos como nossos caminhos metodológicos de aproximar a dança da escola o corpo como ponto de partida, a educação estética, a improvisação e o jogo; estratégias que serão abordadas a seguir.

Ao considerarmos o corpo como ponto de partida, concebemo-lo como a primeira dimensão do ser humano, atestando sua existência. E segundo Silva e Lima (2014) ser corpo é se inscrever na cena da vida e atuar no espaço e no tempo.

Na dança o corpo é território da experiência artística, impulsionado pelo potencial expressivo e criativo do ser. Nesse processo instala-se uma necessidade de transformação do corpo cotidiano em um corpo diferenciado, extracotidiano, no qual todo ele é mobilizado para a expressão em um transbordamento da arte (SILVA e LIMA, 2014). Nesse sentido, é importante oportunizar vivências profundas em consciência corporal que estejam alinhados aos sentidos, percepções e sensibilidades, indo de encontro com as metodologias que docilizam e padronizam os corpos tanto na aparência como nos movimentos. Uma concepção que imbrica-se às demais propostas metodológicas de educação estética, improvisação e jogo.

Nesse caminho de uma educação mais sensível, criativa, identitária e autônoma, a educação estética se faz presente nas ações e intervenções do Coletivo 22, uma vez que pressupõem que o dançar está atado intimamente ao sentir: um sentido dos sentidos capaz de transcender-se em formas no ato de criação. Sobre isso, Silva e Lima (2014) apontam a urgência de se investir na educação estética, indo contra a fragmentação e alienação dos corpos anestesiados que se tornam manipuláveis.

As autoras acima citadas ressaltam que com a ênfase do pensamento racional do

ocidente, há um abandono do corpo como produtor de um saber sensível, uma anestesia – um não sentir, não perceber. E anestesia é o contrário de estética!

Em nossas discussões apontamos que esse processo invade também a escola, que elege o corpo como elemento de desatenção e indisciplina, desconsiderando seus saberes e percepções; corpos que são separados da mente, privilegiando aquilo que será de utilidade para a sociedade. A cultura do não-movimento, ou mesmo o movimento comedido, como referência de um comportamento civilizado e educado. Este um grande problema enfrentado pelos profissionais que trabalham diretamente com a educação do corpo. Desta forma, a educação estética por meio da dança pode oportunizar desbloqueio das potencialidades do ser humano, permitindo o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade crítica por meio de uma relação com o sensível.

Nesse contexto, é possível trazer a educação estética como essa possibilidade de conhecer a si, percebendo com os sentidos o próprio corpo, o outro e o mundo de maneira mais sensível. E, nessa paisagem da sensibilidade, entre em cena a improvisação em dança como uma alternativa rica de possibilidades de emancipação do corpo e exercício da autonomia.

Recomendado por Laban (1990) para a iniciação da criança no mundo da dança, a improvisação dirigida ou temática desvia-se dos tradicionais processos de ensino e aprendizagem, puramente técnicos e estereotipados, proporcionando o desenvolvimento da identidade na medida em que o sujeito escolhe seus movimentos e libera a expressão dos gestos. É o agir, sentir e pensar se manifestando simultaneamente na expressão do corpo.

Nesse sentido, a improvisação aparece como uma alternativa rica de possibilidades de emancipação do corpo e de exercício da autonomia que pode romper com as fronteiras de um corpo aprisionado e abrir espaço vazio a ser escrito com o movimento por meio da espontaneidade, sensibilidade e criatividade.

Outra questão significativa que o exercício da improvisação elenca é a possibilidade de o sujeito aprender a encontrar soluções e ultrapassar os condicionamentos, abrindo-se à liberdade de criar, dentre as múltiplas possibilidades, novas poéticas (ALMEIDA, 2013).

Aí está o potencial de ludicidade, no desafio ao corpo de mover-se na direção do novo, onde não há pontos de apoio, sem recorrer aos procedimentos habituais, permanecendo aberto para a incerteza do momento

presente (MARTINS et al, 2010, p. 4).

Essa tensão da incerteza do momento, a espontaneidade, o desafio e o lúdico também pertencem ao poder original do jogo. O historiador holandês Johan Huizinga (1993, p. 16) diz que

o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

No jogo, nunca se tem o conhecimento prévio dos rumos da ação do jogador ou respostas preestabelecidas, assim como não há um único padrão de movimentação e de expressão que deve ser seguido (JESUS, SGARBI e GODOY, 2011). Tudo depende das motivações pessoais ou da conduta de outros parceiros. Tais características se aproximam da improvisação e da concepção de corpo como ponto de partida apresentada anteriormente; e pode ser amplamente utilizada na dança para ampliar, por meio do lúdico, as possibilidades do movimento em relação ao espaço e da criação, munindo o corpo de uma predisposição e prontidão muscular e expressiva.

Finando as estratégias propostas pelo Coletivo 22 para a aproximação da dança com o ambiente educacional, destacamos a utilização do vídeo como um recurso tecnológico para auxiliar os estudantes a reconhecer ou identificar alguma dança da cultura negra e por culturas populares de maneira geral.

A construção deste estudo também nos chama atenção para necessidade dos professores registrarem sua prática pedagógica, suas metodologias alternativas de ensino, suas experiências, bem como, divulgar suas propostas sejam, por meio, de artigos ou eventos científicos configurando assim, uma rede de saberes, elucidações, reflexões e novos desafios.

OUTRO PROCESSO DE CRIAÇÃO

Os pressupostos e caminhos metodológicos que nortearam as ações do projeto *Corpopular: a escola entre giros, palmas e sorrisos*, perpassa pelo debate das possibilidades de ensino-aprendizagem da dança e seus desdobramentos no processo de criação e

investigação cênica, ancorados na pesquisa e vivência nas culturas populares brasileira, enfatizando a construção de um corpo poeticamente crítico.

Essa ação teve como princípio buscar uma reflexão sobre uma possibilidade de educação que compreenda os corpos presentes no ambiente escolar, considerando a complexidade da relação entre corpo, cultura e suas interfaces com a arte, educação e comunidade.

Com isso, o Coletivo 22 acredita que por meio de uma articulação ampla e não hierarquizada entre educação, política e sociedade; entre arte, ciência e cultura popular, entre dança, teatro e música, entre a cena e rito e entre manifestações culturais brasileiras de matriz africana e dança contemporânea, é possível subverter a lógica racional do sistema educacional, uma vez que tais expressões são locais, de resistência e força contra o poder (LIMA e SILVA, 2014). E a escola pode ser um território fértil para essa discussão.

Em nossas reuniões identificamos a escassez de pesquisas científicas que revelam a prática, o cotidiano e possibilidades de metodologias de ensino em dança na educação, especialmente na escola. Apontamos assim, a necessidade de suprir essa lacuna.

Com isso, motivados por tais reflexões, colocamos em movimento um segundo projeto de extensão: *Corpopopular na escola* que, embargado dos caminhos acima revelados, tem buscado as intersecções entre a dança de rua, os jogos infantis da cultura popular e a arte do movimento de Rudolf Laban (1978). Um encontro a ser desvelado no corpo e na ação docente com as crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Que dança é essa?** Uma proposta para a educação infantil. São Paulo: Unesp, 2013. Dissertação de mestrado em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1993.

JESUS, Natasha Curuci de; SGARBI, Fernanda; GODOY, Kathya Maria Ayres de. Uma experiência de construção de saberes no projeto dançando na escola: a oficina o jogo teatral e a dança. In PINHO, Sheila Zambello de; OLIVEIRA, José Brás Barreto de (orgs.). **Núcleos de Ensino UNESP**: Artigos dos projetos realizados em 2008. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, Unesp. Pró-Reitoria de Graduação, 2011, v. 1, p. 147-155.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978.

_____. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LIMA, Marlini Dorneles de; SILVA, Renata de Lima. **Corpopular: a escola entre giros, palmas e sorrisos**. Anais do III Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança - Comitê Dança em Mediações Educacionais. Salvador, 2014.

MARTINS, Janaina Trasel; SEVEGNANI, Claudinei; HASS, Tamara; BREHSAN Nastaja; ALONSO, Ana. Improvisação em contato: poéticas do corpo. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão: Florianópolis**, p. 66-76, 2010.

SILVA, Renata de Lima. **Mandinga da rua: a construção do corpo cênico a partir de elementos da cultura popular urbana**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

SILVA, Renata de Lima. Mandinga da rua a construção de um corpo poeticamente crítico. In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; LIMONTA Sandra Valéria (Orgs.) **Didática e práticas de ensino: texto e contexto em diferentes áreas do conhecimento**. Goiânia: Ceped Publicações, 2011.

SILVA, Renata de Lima; LIMA, Marlini Dorneles de. A dança como uma possibilidade de vivência de um estado de liberdade. In: FERRAZ, Wagner; MONZINNI, Camila (Orgs.). **Estudos do corpo: Encontros com Artes e Educação**. Porto Alegre: Indep, 2013.

SILVA, Renata de Lima; LIMA, Marlini Dorneles de. **Sobre passagens e corpopulares**. ILINX - Revista do LUME, v. 5, p. 1-13, 2014.